

CÔ AVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

N.º 10 – ago de 2008

Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Campanha de 2007

Vitor Oliveira Jorge¹
João Muralha Cardoso²
Ana Margarida Vale³
Gonçalo Leite Velho⁴
Bárbara Carvalho⁵
Sérgio Gomes⁶

Introdução

A décima campanha de escavação em Castanheiro do Vento decorreu entre 2 e 27 de Julho de 2007 e contou com a presença da equipa coordenadora assim como com a colaboração de Lesley McFadyen da Universidade de Leicester (Reino Unido) e 10 alunos da mesma instituição em regime de avaliação supervisionados pela arqueóloga referida.

A escavação deteve-se no topo da “colina monumentalizada” de Castanheiro do Vento e permitiu:

- Na área sul da estação arqueológica, identificar e registar duas estruturas tipo “bastião” e uma passagem, integrados no Murete 3, e uma estrutura circular (localizada entre o Murete 2 e o Murete 3).
- Estudar a designada “Torre Principal” incidindo na definição e compreensão da sua face externa, na passagem identificada no lado leste da estrutura e ainda na escavação do espaço interno; prosseguiu-se ainda com a escavação das áreas a oeste e sul conectadas com a Torre Principal.
- Na área oeste do sítio foi realizada uma sondagem que confirmou a existência de um talude pétreo, o que sugere a continuação do Talude Norte pela área ocidental do sítio.

¹ Faculdade de Letras (DCTP), Universidade do Porto.

² Museu da Cidade, Lisboa

³ Estudante de Doutoramento, FLUP. Bolseira, FCT

⁴ Politécnico de Tomar. Estudante de Doutoramento, FLUP

⁵ Arqueóloga

⁶ Estudante de Doutoramento, FLUP. Bolseiro, FCT.

Os autores deste trabalho são apresentados por ordem cronológica da sua inserção na equipa que dirige as pesquisas no sítio há dez anos (só VOJ e JMC começaram ambos no primeiro ano, ou seja, 1998).

Enquadramento geográfico e cronológico

Castanheiro do Vento localiza-se na freguesia de Horta do Douro, Concelho de Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda, no Noroeste de Portugal. Segundo a Carta Militar de Portugal, à escala 1:25 000 (folha 140) e recorrendo a um ponto central da estação, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41°03'49" Lat.N.; 07°19'18" Long.W.Gr.

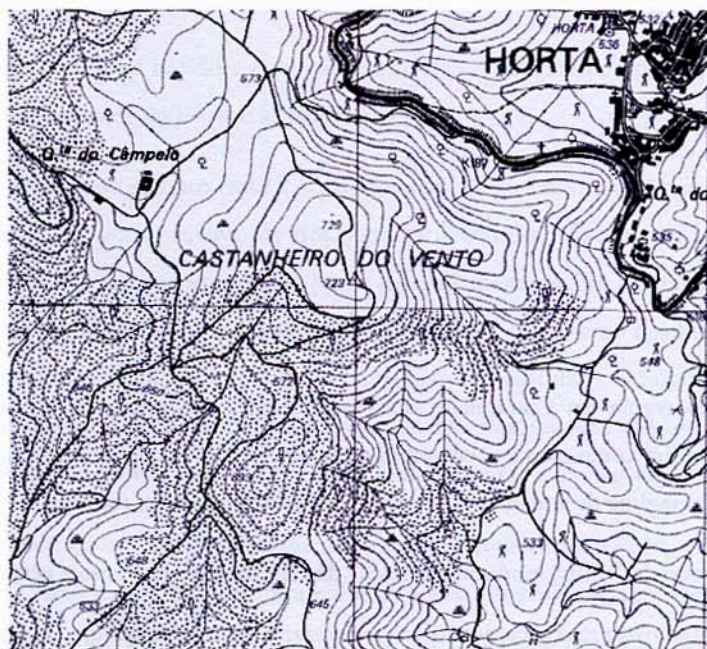


Fig.1. Localização de Castanheiro do Vento na Carta Militar de Portugal, Folha nº 140, Esc. 1:25 000.

Castanheiro do Vento implanta-se num monte de substrato xistoso de planta sub-circular cujo topo se define pela curva de nível dos 720 metros. As escavações arqueológicas têm incidido no topo do morro, detendo-se numa área de 100 metros no sentido Norte/Sul, e de 80 metros no sentido Este/Oeste, a que aparentemente se encontra melhor preservada. Contudo, é possível recolher materiais à superfície quer para Sul, numa plataforma com mais de 100 metros de extensão, actualmente ocupada por uma plantação de cerejeiras, quer para Norte e Este numa sequência de rampas ou plataformas destruídas pela abertura de valas destinadas ao plantio de eucaliptos.

O sítio de Castanheiro do Vento não se refere, no entanto, ao local onde hoje se realizam as escavações arqueológicas, mas implica toda a colina. Assim falamos de “colina monumentalizada”, cuja cronologia aponta para um intervalo que se situa entre c.2900 e 1500 a.C. (que convencionalmente se optou por designar de Calcolítico e primeira metade da Idade do Bronze). Contudo, estima-se que o âmbito cronológico da estação se estenda até ao Bronze Final e Idade do Ferro. Esta dedução tem como base um fragmento de cerâmica excisa, uma peça em electro, peças em metal, assim como datas de C14, claramente atribuíveis à Idade do Ferro (entre os sécs. VIII e VI a.C.) relacionadas aparentemente com “estruturas de combustão” dispersas pelo sítio.

Descrição dos trabalhos

Os trabalhos desenvolvidos durante a campanha de 2007 na área sul da estação arqueológica de Castanheiro do Vento permitiram continuar o estudo do **Murete 3** e neste sentido identificou-se e registou-se as estruturas que resumidamente se apresentam:

- **Bastião V** – Estrutura em semi-círculo, delineado por um murete com cerca de 1,40m de largura e com uma abertura de vão de aproximadamente de 5,40m. O interior da estrutura encontra-se “colmatado”/ preenchido por lajes de xisto de várias dimensões. Para sudoeste desenvolve-se um **sistema de contrafortagem** por plataformas sugeridas por alinhamentos pétreos com orientação NE-SW, paralelos entre si, e por um conjunto de lajes de xisto dispostas de forma transversal aos mesmos. A sul e sudeste do Bastião V o sistema de contrafortagem é realizado por lajes de xisto que perfazem dois arcos.
- **Estrutura circular 26** – localiza-se no espaço interno do Bastião V e é definida por lajes de xisto dispostas horizontalmente, não se encontrando totalmente definida no seu lado sul e sudoeste.
- **Passagem 15** – interrupção no M3 delimitada a sul pelo *terminus* do Bastião V e por um conjunto de lajes que se distribuem para este, sugerindo uma espécie de “corredor” e a norte por um conjunto de lajes de xisto fincadas (colocadas verticalmente) aparentemente em conexão com o arranque do M3. A noroeste da passagem, junto à face interna do murete foi identificado um buraco de poste que poderá estar conectado com a entrada.
- Após a Passagem 15, o **Murete 3** desenvolve-se cerca de três metros em direcção a Norte e inverte depois para Oeste começando a delinear o Bastião W. A **intersecção** destes dois muretes (M3 e arranque do Bastião W) é bastante complexa e sugere uma reestruturação que se processou até à base destas estruturas. O arranque do Bastião W caracteriza-se pela existência de uma grande quantidade de argila entre as lajes basais e aparentemente parece cortar o final do Murete 3 que se desenvolvia para Norte após a Passagem 15.
- **Bastião W** – Estrutura em semi-círculo, integrado no M3, é delimitado por um murete com uma largura média de 1,40m e possui uma abertura de vão de cerca de 5,60m. No lado sul do murete foi detectado um conjunto de lajes de xisto conectadas com um sedimento de cor castanha, pouco compacto, que provavelmente integraria uma estrutura de datação mais recente em relação ao Bastião. No lado norte do murete que delineia a estrutura foram registados dois conjuntos de lajes de xisto fincadas que poderão corresponder a “buracos de poste”. Neste caso torna-se premente questionar acerca das relações de contemporaneidade entre o bastião e os buracos de poste, podendo colocar-se a hipótese que estes últimos se tratem de estruturas posteriores ao bastião (a outra forma de habitar este espaço após ruína ou destruição intencional do bastião) ou admitir-se que estes buracos de postes estariam relacionados com a feitura de paredes em terra crua e nesse sentido integrados no próprio processo de construção da estrutura.
- Após o *terminus* do Bastião W, o **Murete 3** dirige-se para Norte. Contudo, a ligação entre estas duas estruturas não é clara: o fim do Bastião W encontra-se bem delineado, enquanto que o arranque do troço de murete do M3 que se dirige para Norte se encontra definido essencialmente por pequenas lajes de xisto. Foi possível detectar o M3 em cinco metros para Norte, no entanto, bastante destruído. Apesar de se identificar claramente as faces interna e externa do murete, o seu interior encontra-se unicamente constituído por pequenas lajes de xisto. A cerca de 12 metros da Torre Principal, o M3 encontra-se interrompido. Nesta área o solo agrícola parece assentar directamente no **afioramento rochoso** sem que se tenha detectado qualquer tipo de estrutura tipo murete ou bastião. No entanto, foi possível registar um pequeno “**nicho**” constituído por um fragmento de dormente em granito,

pequenas lajes de xisto azul, bastantes fragmentos de barro de revestimento, pequenos blocos irregulares de quartzo de filão, uma enxó em anfibolite e alguns fragmentos cerâmicos.

Na área sul da estação arqueológica de Castanheiro do Vento, correspondendo genericamente a uma área que se desenvolve entre o M3 (Bastião W e Bastião V) e o M2, registou-se um conjunto de depósitos que foram individualizados sobretudo pelas diferenças cromáticas. Assim foram distinguidas cinco áreas que passamos a descrever (contudo, estas observações estão dependentes de trabalhos de escavação futuros e assim passíveis de revisão). Todos os sedimentos são de matriz argilosa, o que se relaciona com o próprio substrato geológico do sítio.

- Área 1: localiza-se junto à face externa do Bastião W e junto à face externa do M3 após a Passagem 15, desenvolvendo-se para Sul e Oeste das mesmas estruturas. Apresenta uma coloração cinzento-acastanhada e é constituído por pequenas lajes de xisto;
- Área 2: trata-se de uma bolsa de terra escura na Área 1, mais compacta que a que caracteriza o depósito da primeira e com abundante material cerâmico;
- Área 3: localiza-se a Sudoeste do Bastião W e aparentemente corta os depósitos da Área 1. Caracteriza-se por sedimentos de cor amarela e encontra-se relacionada com grandes lajes de xisto, possivelmente conectadas com estruturas muito destruídas e posteriores ao M2 e ao M3;
- Áreas 4: corresponde ao enchimento de um murete (ainda de contornos pouco claros e que deverá continuar a ser estudado) que se desenvolve genericamente com sentido NE-SW e que aparentemente corta o M2. Os sedimentos caracterizam-se por uma cor castanha acinzentada;
- Área 5: encontra-se no interior do Bastião W, de cor amarela e integra lajes de xisto de pequena dimensão.

A escavação arqueológica levada a cabo em Julho de 2007 privilegiou ainda o estudo da **Torre Principal**, nomeadamente, no Murete que arranca da Torre Principal com orientação N-S. Aparentemente apresenta um espessamento da face externa, detectado a uma cota inferior à do murete propriamente dito. Neste caso também terá de ser equacionado a possibilidade de denunciar uma remodelação da estrutura ou mesmo a existência de duas unidades arquitectónicas. Neste momento parece-nos plausível colocar a hipótese deste murete se conectar com o M3 e se articular com a Torre Principal num momento anterior à sua petrificação, ou seja, sugerimos que a Torre poderia tratar-se num momento anterior de um bastião integrado no Murete 3, e posteriormente reformulado numa estrutura pétrea, maciça, com diversos anéis de petrificação.

O estudo na Torre Principal incidiu também na escavação de uma entrada localizada no lado este da estrutura. Encontra-se “colmatada” por lajes de xisto, delimitadas provavelmente por lajes de xisto fincadas (dispostas verticalmente, ao contrário das outras lajes de “colmatação” que se encontram depositadas horizontalmente).

Prosseguiu-se também na escavação da área a oeste da Torre Principal que se apresenta bastante destruída (numa área de cerca 60 m2). Identificaram-se alinhamentos pétreos de tendência curva e duas possíveis estruturas circulares. É de salientar a presença de vários elementos de granito nesta área.

Entre o Murete 2 e o Murete 3 foi identificada a **Estrutura Circular 27**. O seu limite a oeste e norte é efectuado com lajes de xisto fincadas enquanto que a leste e sul apenas é demarcada por pequenas lajes de xisto. No seu interior registou-se um sedimento de cor amarela, argiloso e muito compacto. No espaço interno da estrutura circular identificou-se um buraco de poste que poderá relacionar-se com uma possível cobertura da mesma. Ainda no interior, no quadrante SW da estrutura, foi exumado um machado em anfíbolite.

A **Oeste** da estação arqueológica de Castanheiro do Vento empreendeu-se, nos últimos dias da campanha de 2007, uma sondagem na tentativa de identificar, registar e analisar as possíveis estruturas que se desenvolveriam nesta área. Trata-se de um local com um grande declive do terreno e colocava-se a hipótese de esta área conter uma **estrutura tipo talude** já identificada a Norte do sítio. Os trabalhos efectuados vieram corroborar esta linha e foi possível detectar uma estrutura pétrea que se desenvolve pela área intervencionada caracterizada por alinhamentos pétreos paralelos entre si com uma orientação genérica N-S entre os quais se detectaram lajes de xisto transversais aos alinhamentos, de foram a criar um jogo de forças e resistência num plano inclinado.

Alguns apontamentos finais

As escavações arqueológicas que se desenvolvem em Castanheiro do Vento desde 1998 encontram-se imbricadas num conjunto de questões que ao longo dos anos têm dialogado com diferentes escalas de análise, com diversas relações e conexões e com vários pontos de vista. Podemos sublinhar algumas linhas de investigação que se prendem com a problematização de conceitos como “paisagem”, “território”, “lugar” e “horizontes de visão”, com a equação de possíveis caminhos dentro do sítio, ou seja, nas múltiplas hipóteses de percursos entre os três muretes de tendência concêntrica de Castanheiro do Vento de forma a aceder (ou não) ao Recinto Principal, e de possíveis caminhos para “chegar” à colina de Castanheiro do Vento. Nesta linha, destacar a importância do movimento (e dos constrangimentos físicos) no sítio, implica perguntar por possíveis práticas (por exemplo, a deposição de fragmentos cerâmico ou a manipulação de ossos animais) e promove outros pontos de reflexão, suscitados pela multiplicidade de imagens que se podem apreender na aproximação ao sítio: segundo o ponto cardeal pelo qual nos aproximemos do sítio, a colina muda de configuração, aparecendo como um elemento “preponderante” na “paisagem” ou diluindo-se por entre as elevações que a rodeiam a oeste; e, como o olhar de um corpo em movimento não se fixa num ponto, que pode ser retido, por exemplo, por uma máquina fotográfica, a colina de Castanheiro do Vento e o meio envolvente, implicam imagens fluidas, sem fronteiras estabelecidas, sem pontos de vista preferenciais, num jogo onde cores e volumes estão sempre em mutação. A investigação em Castanheiro do Vento tem procurado também problematizar a relação do arqueólogo com o sítio e com o meio; as relações e tensões entre os intervenientes na escavação do sítio (susitando diálogo, interacção, discussão); e a relação com o (conceito de) Passado.

Adoptando um conjunto de metáforas visuais, podemos colocar duas grandes questões que se deparam aos nossos olhos (e que se multiplicam em outros olhares e perspectivas, como num caleidoscópio):

1. Como vemos o sítio?

O primeiro ponto levantado por esta questão prende-se com considerações afloradas no primeiro parágrafo, e levanta uma outra pergunta: como traduzir a fluidez das imagens sugeridas pela interpretação de Castanheiro do Vento? As fotografias e os

desenhos de campo potenciam o diálogo e devem ser encarados enquanto instrumentos de reflexão sobre o sítio e não como registos, como documentos que atestam o que os arqueólogos encontraram aquando da escavação, que representam a ilusão do que “estava lá de facto”. As imagens pictóricas acerca de um sítio devem ser consideradas como interpretações e que necessitam de interpretação, que em articulação com a narrativa textual, devem sublinhar a fluidez e ambivalência das imagens (decorrentes da interpretação) sugeridas pelo diálogo entre arqueólogo, sítio e meio. E nesta linha, as imagens relativas ao espaço que se relaciona com, neste caso, a colina de Castanheiro do Vento, deverão superar a tendência de uma atitude contemplativa, onde o arqueólogo descreve o que vê e de onde, sem participar na construção dessas mesmas imagens, sem equacionar, por exemplo o conceito de movimento.

Assim, a paisagem (arqueológica), deixa de ser entendida como um espaço de formas naturais prontas a serem descritas e como um espaço inerte que o homem foi moldando e preenchendo com materiais (seja construções ou “artefactos”), mas como um conjunto de relações entre pessoas e coisas e onde concorrem diferentes temporalidades. E é neste imbricado de tempos e coisas que o arqueólogo se debruça sobre um sítio particular (e dentro desse sítio muitas vezes sobre áreas específicas) mas sem nunca perder de vista a matriz rizomática em que o sítio e o arqueólogo estão inseridos.

Em Castanheiro do Vento temo-nos debruçado sobre a arquitectura do sítio (sobre a discussão do conceito de arquitectura remetemos para Jorge, V.O. 2006, Vale, A.M. *et alii*, 2006, Velho, G.L., 2006). Ao longo destes anos temos vindo a acentuar a ideia de que o sítio é constituído por um entrançado de materiais, patente, por exemplo, no início do murete que perfaz o Bastião W, descrito anteriormente. A escavação desta estrutura revelou uma grande quantidade de argila entre as lajes basais e imbuído nesta argila encontrava-se um machado em pedra polida. Considerando-se a existência de uma profusa rede em que concorrem coisas, pessoas e ideias (sendo que esta enumeração é já decorrente de um processo analítico de decomposição para compreensão), seria pouco prudente apartar o “artefacto” da “estrutura” e estudá-los separadamente, inserindo-os em dois discursos separados: o das construções do sítio e o dos materiais exumados no sítio. Ambos, inseridos numa rede de conexões que se vai progressivamente alargando à medida que o discurso sobre o sítio vai sendo tecido, são arquitectura, na medida em que materializam práticas interdependentes na “construção” do sítio.

Assim, em Castanheiro do Vento concorrem diferentes materiais em diversas relações e remetem para vários tempos. Esta observação, longe de se estabelecer como uma observação abstracta que depois se constata (se comprova) no sítio, emerge durante o processo interpretativo do sítio. A escavação de 2007 debruçou-se sobre uma estrutura que genericamente se localiza na plataforma mais elevada de Castanheiro do Vento, a qual designamos de Torre Principal. A escavação de 2005 e retomada em 2007 permitiu detectar uma série de reformulações, que terão transformado uma estrutura tipo “bastião” provavelmente integrada no Murete 3, numa estrutura genericamente circular, maciça, de base pétrea, cujas ligações com o Murete 3 poderão ter sido destruídas intencionalmente aquando da petrificação da estrutura. Estas reformulações não indicam apenas tempos de construção e reconstrução, mas sobretudo tempos de vivência, de reordenação, de reactualização, de transformação do sítio. Denotam práticas que envolvem pessoas e materiais, conectados com todo o espaço envolvente. E remetem para memórias, da comunidade, da estrutura, do sítio. Se atendêssemos apenas a momentos de construção perderíamos todos os tempos que emergem dos materiais que hoje estudamos. Perderíamos o tempo interpretativo, para apenas manusear o tempo cronológico.

A plataforma superior de Castanheiro do Vento, que se desenvolve para sul da Torre Principal encontra-se muito alterada pelos trabalhos agrícolas, encontrando-se o solo conectado com esta actividade em alguns locais directamente sobre o afloramento rochoso. Na primeira metade do século XX, o sítio foi intensamente transformado, e outras práticas reformularam e construíram outros materiais, outros significados, outras relações. E porque os tempos que equacionamos concorrem no presente, é neste entrelaçado de tempos que nos movemos agora, equacionando outros, chamando à coação o que hoje problematizamos como passado.

2. Como nos vemos?

Por outras palavras, que diálogo se estabelece entre o sítio arqueológico e os arqueólogos (e todos os intervenientes no trabalho de campo)? Esta questão encontra-se intimamente conectada com a primeira: “como vemos o sítio?”, já que, como foi referido, a produção de uma narrativa decorre da relação entre sítio e arqueólogo. Mas apela também à reflexão sobre a nossa própria prática, os nossos diálogos, o que comunicamos e como. As escavações de 2007 contaram com a presença de participantes de vários países, com formações diversas (e “hábitos” diferentes também). Como é que cada um olhou para o sítio? Como foi trabalhada a informação que disponibilizamos sobre o sítio durante a escavação por cada um dos participantes? Que discurso resultou depois de traduzido para inglês e escutado por indivíduos cuja língua materna não é o inglês? Que imagens a vivência em Castanheiro do Vento suscitou? E que imagens nos suscita a nós, responsáveis por traduzir o sítio num discurso inteligível?

As narrativas que publicamos pretendem sobretudo promover a discussão e a reflexão, e ao apresentar a nossa negociação com as tensões (e contradições) geradas pelo processo interpretativo, têm como intuito suscitar outras tensões e conexões, num jogo de negociação de expectativas. A escavação de Castanheiro decorre num fluxo de procura e encontros, sem que haja uma correlação directa entre eles, e é um palco onde as imagens se desdobram em múltiplos circuitos, cuja inteligibilidade desafia a novas modalidades discursivas, a novas formas de *estar em* e *fazer* arqueologia. Pensar o Castanheiro, é pensar nas disjunções e singularidades que o olhar colonizador do arqueólogo ou do visitante pode, de uma forma intuitiva, silenciar no lúcido escrutínio metodológico ou usufruto do lugar.⁷

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à Professora Doutora Susana Oliveira Jorge pela colaboração nos trabalhos de campo de 2007 assim como aos arqueólogos Leonor Sousa Pereira, Mónica Corga, Lurdes Oliveira, Sara Luz, Alexandra Vieira, Lídia Baptista por todo o apoio e entusiasmo que aportaram à escavação e a Ângela Carneiro pela coordenação das actividades de lavagem e etiquetagem do material cerâmico exumados na campanha de 2007.

⁷ As linhas de reflexão aqui quase que enumeradas têm sido contempladas em projectos de investigação individuais. Contudo, são apresentadas em conjunto como fruto do diálogo e discussão de toda a equipa de Castanheiro do Vento.

Agradecemos também a todos os participantes nesta campanha: Sarah Collins, Rachel Mapson, Chou Ying Chin, Vanessa Lin, Chen Yung Chen, Tu Yi-Ning, Peter Dadswell, Cláudia Eicher, Jonah Holscher, Margaret Maher, Gisela Rotermunal, Sylvia Bartels, Emanuela Duarte, Natasha Rodrigues, Sarah, Leon, Lisa Cambell, Maria Cândida Maia, Jack Wilcock, Valerie Wood-Gaiger, Chris e Lothar Bender, Joana Piorro, Joana Martins e Geórgia Kohlhoff.

Dirigimos uma palavra especial de agradecimento ao Miguel e ao Carlos pela incansável colaboração e a António Sá Coixão pelo apoio logístico prestado ao longo de todos estes anos através da Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão e a todos que com ela colaboram.

Bibliografia

- COSTA, C.M.C., (2007), *Zooarqueologia e Tafonomia de Castanheiro do Vento*. Tese de Mestrado em Teorias e Métodos da Arqueologia, apresentada na Universidade do Algarve, policopiada.
- JORGE, S. O., JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S. COIXÃO, A.S., (2004), “Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/Idade do Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins”, *Sinais de Pedra – 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*, Évora, Janeiro de 2003, edição electrónica.
- JORGE, V. O. (2003). *A Irrequietude das Pedras. Reflexões e Experiências de um Arqueólogo*. Porto, Edições Afrontamento.
- JORGE, V.O. (2006). “Breve Reflexão sobre alguns Problemas das Arquitecturas Pré-Históricas”, *Terra: Forma de Construir. Arquitectura. Antropologia. Arqueologia*. 10ª Mesa-Redonda de Primavera. Lisboa/Vila Nova de Cerveira, Argumentum/Escola Superior Gallaecia, pp. 106-109.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2002 a), “Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)” *Coavisão, Cultura e Ciência*, 4, pp. 73-93
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2002 b), “Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal”, *Monuments and Landscapes in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarre), Londres, Routledge, pp. 36-50.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 a), “O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003, *Portugália*, Nova Série, vol. XXIV, Porto, DCTP, FLUP, pp. 5-24.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 b), “Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio de Castanheiro do Vento, Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, *Coavisão, Cultura e Ciência*, 5

- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 c), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998 – 2002), *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 5, Porto, ADECAP.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 d), “A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz Côa)”, *Recintos Murados da Pré-história Recente*, Porto/Coimbra, DCTP, FLUP/ CEAUP, FCT, pp.79-114.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S., VALE, A.M. (2004), O recinto monumental pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório, *Coavisão, Cultura e Ciência*, 6, pp. 97-139
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2005), “Morfologia Construtiva do Recinto Pré-Histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas de “estruturas de condenação”, *Almadan*, II série, nº13, pp.25-35.
- JORGE, V.O., with the assistance of CARDOSO, J.M., VALE, A.M., VELHO, G.L. PEREIRA, L.S. (2006 a), Copper Age “monumentalized hills” of Ibéria: the shift from ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques place and space as results of a research experience in the NE of Portugal, *Approaching “prehistoric and protohistoric architectures” of Europe from a “Dwelling Perspective”*, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 8, special issue, Porto, ADECAP, PP. 203-264.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S., VALE, A.M., VELHO, G.L. (2006 b), “Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005. Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), *Coavisão, Cultura e Ciência*, 8.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., VALE, A.M., PEREIRA, L.S., VELHO, G.L. (2006 c), “Problemática suscitada pelas escavações do sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), sobretudo após a campanha de 2006, *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, vol. 6, Porto.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., VALE, A.M., PEREIRA, L.S., VELHO, G.L. (2006 d), “Sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005, *Portugália*, nova série, Porto.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., VALE, A.M. VELHO, G.L. (2007), “Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Breve relatório da campanha de escavação de 2006, *Côavisão*, nº9, Câmara Municipal de Foz Côa, pp.251-266.
- JORGE, V.O., THOMAS, J. (eds.) (2007), *Overcoming the Modern Invention of Material Culture*, *JIA*, vols. 9/10, special issue, ADECAP, Porto.

VALE, A.M., CARDOSO, J.M., JORGE, V.O. (2006), “Recintos Murados e/ou Colinas Monumentalizadas no Nordeste de Portugal? O Caso de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa, *Terra: Forma de Construir. Arquitectura. Antropologia. Arqueologia*. 10ª Mesa-Redonda de Primavera. Lisboa/Vila Nova de Cerveira, Argumentum/Escola Superior Gallaecia, pp. 98-105

VELHO, G.L. (2006), “O Jogo da Pedra e da Terra num Sítio Pré-histórico do Nordeste de Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão – Vila Nova de Foz Côa”, *Terra: Forma de Construir. Arquitectura. Antropologia. Arqueologia*. 10ª Mesa-Redonda de Primavera. Lisboa/Vila Nova de Cerveira, Argumentum/Escola Superior Gallaecia, pp. 91-97.



Fig. 2: Vista geral da área sul da estação arqueológica antes do início das escavações. Fotografia tirada de Sul para Norte

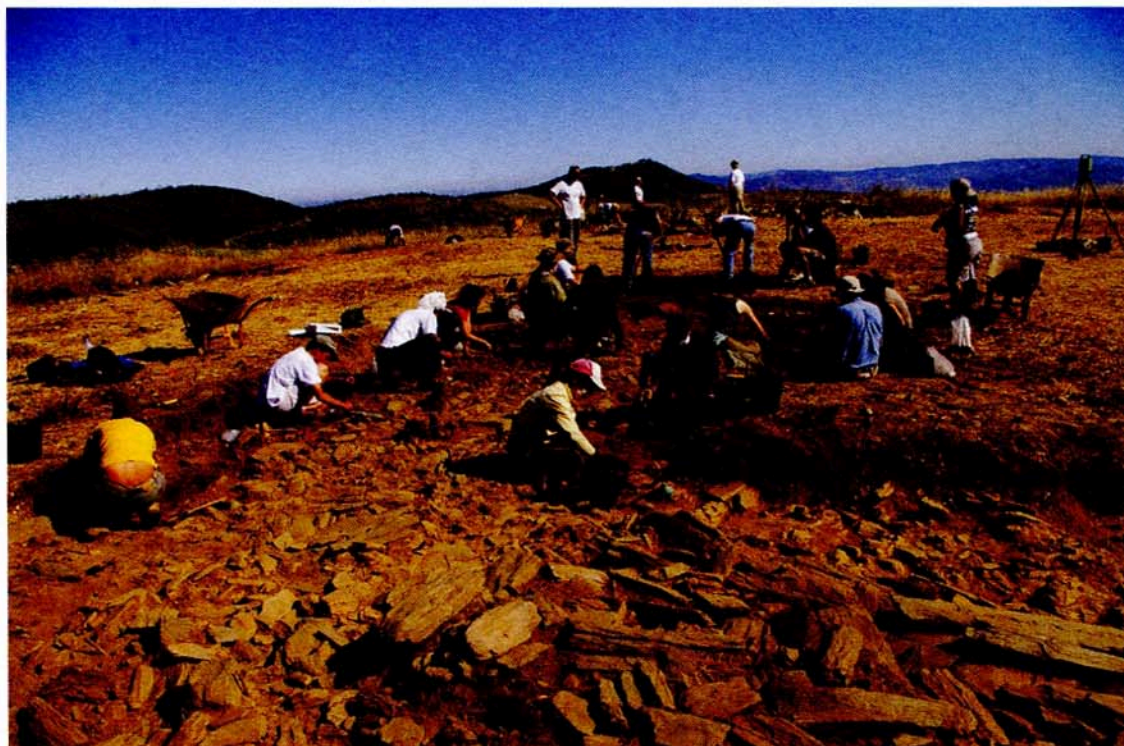


Fig. 3: Aspecto geral dos trabalhos de escavação na área sul. Fotografia tirada de Sul para Norte.



Fig. 4: Pormenor da intersecção do Murete 3 com o Bastião W.



Fig. 5: Bastão W. Estrutura semi-circular, integrada no Murete 3 e localizada na área Sul da estação arqueológica

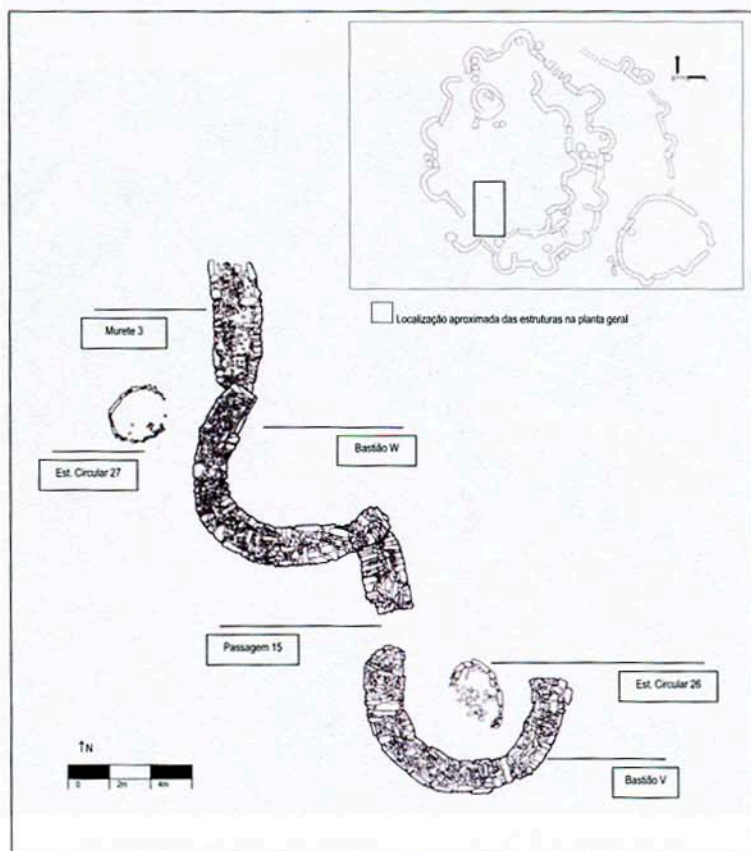


Fig. 6: Planta da área escavada durante a campanha de 2007 em Castanheiro do Vento. Tintagem de Leonor Sousa Pereira. Desenho de Bárbara Carvalho.